

RELATO DE EXPERIÊNCIA: TEATRO DO INVISÍVEL E SEU CARÁTER METODOLÓGICO E EXTENSIONISTA

Coordenador: Cleusa Helena Guaita Peralta Castell

Introdução: Após o curso de formação: O Teatro Popular como Possibilidade de Protagonismo: Performances junto às Comunidades em Situação de Risco Socioambiental, as acadêmicas envolvidas no projeto de extensão, vem planejando e performatizando fóruns, ao mesmo tempo em que interagem a partir de uma metodologia de pesquisa complementar à extensão (THIOLLENT, 1985), já que ambas, pesquisa e extensão, apresentaram-se como âmbitos complementares e indissociáveis. Objetivo: A questão que permeia essa breve reflexão é: como abordar determinados problemas sociais, como sexualidade, saúde, ecologia e educação, de forma reflexiva e participativa, com o imaginário social dos grupos sujeitos envolvidos em situações de risco socioambiental, mediada pelas ferramentas da arte e permeada pelo seu caráter reparador (PICHON-RIVIÈRE, 1999)? Materiais e métodos: Fazemos uso da metodologia do Teatro do Oprimido, de Boal, (Dramaturgo, diretor, produtor teatral e escritor é natural da cidade do Rio de Janeiro e criador do Teatro do Oprimido, um dos métodos teatrais mais difundidos e praticados no mundo como uma forma de se fazer teatro em favor da população que sofre algum tipo de opressão), que tem como base a educação libertadora, através do diálogo constante com Paulo Freire (1921 - 1997). Segundo Freire (1988), quando se compreende a realidade é possível que se levantem hipóteses sobre o desafio dessa realidade, o que dá a oportunidade de buscar novas soluções, transformando-a através de determinado trabalho, neste caso artístico, criando um mundo próprio de circunstâncias. Nesse contexto, para Boal, o Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam (BOAL, 2007: ix). Em outras palavras, o Teatro do Oprimido parte de uma investigação de determinado problema, onde existe um opressor e um oprimido. Logo após se faz a representação, não anunciada para o público, da opressão diagnosticada, no local em que está ocorrendo, executando o que chama-se de Teatro do Invisível. Dessa maneira, levamos o oprimido e o opressor a se (re)pensarem como sujeitos da situação em que se encontram. Dessa forma, o foco do projeto em questão é a relevância do Teatro do Oprimido nos dias atuais. Para tanto, entre diversas performances realizadas ao longo deste projeto, passamos a destacar uma - Teatro do Invisível - intervenção/performance, de caráter extensionista, mas com intersecções com o ensino e a pesquisa, realizada em março de 2008. Resultados

parciais: Relato do Teatro do Invisível: a professora de Artes que nada entende de Ensino de Arte: No grupo, decidimos testar o caráter metodológico do Teatro do Invisível através de uma palestra, em que eu mesma me apresentei como uma professora de Arte totalmente descrente da minha profissão. Durante minha apresentação/intervenção, dirigi-me à platéia - estudantes de Pedagogia da FURG - pontuando, ao longo do meu discurso, falhas terríveis que eu cometia no meu trabalho diário, como se as mesmas pudessem ser normais e certas. É importante salientar que essa professora não surgiu da imaginação do grupo e sim a partir de uma pesquisa feita no ano de 2007: "Inventário acerca do Município do Rio Grande", sobre a orientação da Profª MSc. Rita Patta Rache, diversos problemas foram constatados no ensino de artes do município. Com base nos dados da pesquisa, se criou a Professora Ramile que considerava seu trabalho excelente, e o único possível, dada a realidade. A criação da sua personagem trazia uma metáfora da realidade encontrada e documentada na pesquisa anterior, comportando, em suas atitudes, diversos pontos negativos, os mesmos encontrados no ensino de artes oferecido nas escolas da cidade. Como as(os) alunos de Pedagogia estavam em uma aula da disciplina Arte e linguagem na educação, alguma noção de ensino de artes eles já apresentavam, por isso estariam aptos a reconhecer que a professora apresentada não estava fazendo um bom trabalho. O que se esperava era a intervenção das alunas(os) e até a sua revolta perante os absurdos apresentados. Ao ser indagada sobre as linguagens que utilizava em sala de aula, contei que não usava tinta pois o professor que dava aula no período seguinte ao meu tinha alergia a têmpera (isso ocorre em uma escola de Rio Grande -RS), além de outros absurdos. Após alguns minutos, as alunas(os) começaram a levantar a mão e a fazer diversas colocações sobre o meu comportamento em sala de aula. O resultado foi uma revolta generalizada. Nesses momentos preciosos de discussão, eu, "como uma professora que acreditava no seu trabalho", me defendi o tempo todo, com argumentos encontrados na pesquisa, como: _"Quando se está na universidade temos sonhos, mas lá fora, nas escolas, tudo é muito diferente". Contudo, depois de certo tempo, a turma já estava muito exaltada, então coube ao grupo identificar essa mudança de temperamento e dar fim ao fórum. Dessa maneira, a "curinga", que se manteve oculta como tal até este momento - a própria professora da disciplina (Cleusa Peralta Castell, titular da disciplina Arte e Linguagem na Educação em colegiado com Rita Patta Rache em 2008) - levantou e falou que aquilo tudo não passou de uma modalidade do Teatro do Oprimido que se chamava Teatro do Invisível. Justificamos esta performance, na medida em que queríamos discutir o papel de uma professora de Arte frente aos problemas conjunturais de forma realista e convincente, ainda que, seguindo as normas do Teatro do Invisível, a

professora deveria se retirar da sala de aula sem revelar que aquilo, que ali aconteceu, não passou de um teatro. Conclusões: Enfim, acredito que a pergunta que permeia a nossa reflexão: qual a relevância do Teatro do Oprimido na atualidade, como ferramenta metodológica de reflexão social? Pode ser respondida, ao passo que se demonstra o caráter envolvente da mesma, através dos relatos de resultados obtidos. Penso que não há como estar num ambiente onde alguma modalidade do Teatro do Oprimido esteja ocorrendo e não participar, não só entrando em cena, mas pensando sobre o assunto. O mais interessante, ao nosso ver, nesse tipo de metodologia é que tanto o grupo que apresenta o problema, quanto aqueles que estão inicialmente de espectadores, viram protagonistas de um mesmo assunto, trocando experiências e refletindo, mediante ações, sobre a problemática. Portanto, buscamos, neste particular, refletir sobre o caráter altamente extensionista desta proposta, apresentando um relato - que demonstra o quanto essa metodologia criada por Boal, é uma forte ferramenta produtora de diálogo, reflexão e ação, em que a arte assume seu compromisso social, capaz de problematizar realidades drásticas daqueles que sofrem com qualquer tipo de opressão ou constrangimento. A palavra final está sempre com a platéia, seja em sala de aula, em eventos públicos ou nas ruas e avenidas.